

sinopse Shira (Hadas Yaron), de 18 anos, pertence a uma família judaica ortodoxa de Telavive, Israel. De casamento marcado com o rapaz por quem está apaixonada, ela está exultante com a vida que a espera. Mas essa felicidade é assombrada quando Esther (Renana Raz), a sua irmã mais velha, morre a dar à luz o seu primeiro filho. O luto toma conta da família e o casamento é adiado. É neste contexto que Yochai (Yiftach Klein), viúvo de Esther, recebe uma proposta de casamento com uma viúva belga. Quando a mãe das raparigas (Irit Sheleg) descobre que o genro talvez tenha de sair do país com o bebé, propõe a união entre Shira e Yochai. Apesar de relutante em relação a esta união, que a vai impedir de realizar o seu sonho de criança, a jovem compreende que este casamento será a solução para homenagear a irmã e manter a família unida.

Em competição na edição de 2012 do Festival de Cinema de Veneza, um filme dramático que marca a estreia na longa-metragem da realizadora Rama Burshtein (israelita nascida em Nova Iorque), que tenta mostrar, a partir de dentro, as complexidades da vida de uma comunidade judaica ortodoxa, à qual pertence.

Título original: Fill the Void / Lemale et ha'halal (Israel, 2012, 90 min.)

Realização e Argumento: Rama Burshtein

Interpretação: Hadas Yaron, Yiftach Klein, Irit Sheleg

Musica: Yitzhak Azulay

Fotografia: Asaf Sudry

Montagem: Sharon Elovic

Distribuição: Alambique

Estreia: 29 de Agosto de 2013

Classificação: M/12



Um melodrama no feminino

João Lopes, Cinemax

É, por certo, um dos filmes mais enigmáticos, e também mais envolventes, do nosso Verão cinematográfico: "Noiva Prometida", de Rama Burshtein, encena a odisseia de uma noiva israelita.

Vale a pena referir que o título inglês do filme israelita "Noiva Prometida" é "Fill the Void". Que é como quem diz: preencher o vazio. Shira (Hadas Yaron) é uma jovem que quer casar e, em boa verdade, parece ter encontrado o seu homem ideal; acontece que, com a morte da sua irmã, a viuvez do cunhado e o bebé que fica sem mãe, todas as suas perspectivas mudam... A família e, mais do que isso, a comunidade religiosa em que se insere vão conduzi-la a uma reavaliação da sua vontade e dos seus sentimentos. Ou seja: até que ponto ela deve preencher o vazio deixado pela irmã?

Não é fácil descrever este espantoso filme assinada pela realizadora Rama Burshtein. Isto porque ele nos espanta mesmo quando não podemos deixar de sentir que nem sempre compreendemos as ideias ou motivações das personagens, incluindo as que se exprimem através de elaborados rituais. Contemplamos, afinal, o dia a dia de uma comunidade ortodoxa judaica, com o aparato próprio das suas regras morais e preceitos religiosos — ao mesmo tempo, sentimos que acompanhamos por dentro, e a partir de dentro, a saga matrimonial de Shira.

Rama Burshtein fez parte de um colectivo de mulheres que trabalhou, justamente, no sentido de criar condições para o seu trabalho em cinema. "Noiva Prometida", a sua estreia na longa-metragem, reflecte, afinal, uma sensibilidade feminina, ou melhor, empenhada em abordar o universo feminino para além de qualquer cliché, seja ele dramático ou moral.

Daí que o filme envolva qualquer coisa de documental, mesmo se nunca deixa de ser uma ficção pacientemente concebida e desenvolvida. Dir-se-ia que participamos daquele dia a dia, por vezes com o sentimento desconcertante de nos sentirmos perdidos na significação dos seus elementos, mas sem nunca perder o contacto com uma dimensão visceralmente humana e, por isso mesmo, universal. É um dos filmes mais inclassificáveis deste Verão e também um dos mais belos.

Sensibilidade e bom senso

Jorge Mourinha, Público de 29 de Agosto de 2013

A história de um casamento combinado na comunidade judia ultra-ortodoxa é um filme muito bonito sobre uma jovem presa entre o romantismo e o pragmatismo.

Como o título indica, "Noiva Prometida" é a história de um casamento combinado, marcado mais por conveniência familiar do que por desejo ou romance, como muitos que ainda são recorrentes em culturas e tradições por esse mundo fora. O primeiro equívoco é olhar para o filme da israelita Rama Burshtein com a curiosidade voyeurista de um turista do exótico: a história de Shira, a noiva do título, passa-se no meio dos haredim, os judeus ultra-ortodoxos de Israel, mas tem o mérito (talvez por Burshtein vir ela própria desse universo) de não olhar para ele com estranheza ou assombro. Antes pelo contrário: a naturalidade com que levanta o véu sobre os rituais e os quotidianos dos haredim leva-nos rapidamente a esquecer que tudo se passa numa comunidade fechada e concentra-nos unicamente na enorme convulsão que atravessa os Mendelman de Telavive quando a filha mais velha morre a dar à luz, deixando o marido viúvo e com um filho bebé nos braços.

Muito se tem falado sobre a semelhança de "Noiva Prometida" com os romances de Jane Austen, como se este fosse o equivalente contemporâneo da rigidez social desse período, mas talvez o segundo equívoco seja olhar para o filme em busca de uma qualquer comparação abusiva; Burshtein não enjeita a sua admiração por Austen, mas a enorme delicadeza de toque da realizadora é algo inteiramente cinematográfico, atento às suas personagens e disposta a criar personagens de carne e osso. Como Shira (uma espantosa Hadas Yaron), a irmã mais nova, que se vê de súbito na berlinda quando a mãe, incapaz de ver o genro afastar-se da família com o neto, começa a manobrar para que ele a tome como esposa, numa decisão que está longe de ser unânime.



Burshtein conta-nos esta história através do remoinho de emoções que atravessa Shira, filmado por Asif Sadry de modo quente e difuso; é uma história de entrada na idade adulta de uma adolescente normal, com emoções normais, que vê os seus desejos românticos desaparecerem sob a necessidade pragmática de se sacrificar pelo bem da família mas se pergunta se é esse realmente o destino a que está fadada. Mais do que um filme situado numa comunidade insular, "Noiva Prometida" é uma história familiar de gente normal confrontada com uma tragédia normal e reagindo-lhe de forma demasiado humana, contada com sensibilidade e bom senso. É muito bonito.